RÉPLICA

Nem Fernando Henrique nem Lula

JOSIAS DE SOUZA

PAULA CESARINO COSTA

Em sua última coluna, a om-budsman da Folha, Junia Noguei-ra de Să, acusou o jornal de estar beneficiando em seu noticiário um dos candidatos à Presidência, Fernando Henrique Cardoso, do PSDR

A ombudsman cometeu uma in-justiça. Ao contrário do que afir-mou, o noticiário tem se mantido fiel ao preceito de apartidarismo que, com acerto, é cultivado pela Folha.

Junia também violou o saudável procedimento de "ouvir o outro lado", no caso, alguém que falas-se em nome do jornal. Como faz o jornal, a ombudsman devería se obrigar a ouvir e registrar diferentes versões.

Não se pretende aqui questio-nar o sagrado e intocável direito de crítica da ombudsman. Objetiva-se apenas evitar que uma ava-liação equivocada fique sem res-posta. Corre-se o risco de a ver-são ser tomada como verdade.

Sabe-se que o jornalismo diário é uma atividade sujeita a falhas, porque feita às pressas. O atrope-lo do fechamento de cada edição é um convite ao erro. A pretexto de apontar supostos

erros da semana que se encerrava, Junia enxergou 'fernandohenri-quismo' em toda a cobertura que

quismo" em toda a cobertura que a Folha faz das eleições.
Eis com precisão o injustificável desacerto de Junia: a generalização. Com base no noticiário de uma escassa semana, jogou no lixo o trabalho de meses.
Em resumo, a ombudsman discontante desagrante accessor as exercis a facella de companya de contra de contr

que, na semana em questão, a Fo-lha utilizou critérios distintos no noticiário sobre FHC e Luiz Iná-cio Lula da Sil:a, do PT.

Tomando a defesa dos leitores simpatizantes de Lula e, por con-sequência, do próprio candidato petista, Junia sustentou que a Fo-lha reserva para FHC textos mais

peneroientes.
Foi então que generalizou: "O jornal usa dois pesos e duas medi-das, não é de agora, quando fala de FHC e de Lula", apontou.
A ombudsman foi além: "O que

escrevi aqui é apenas um exemplo, mas, baseado nele, o leitor pode encontrar muitos outros em quase todas as edições da Folha" (grifo

nriquismo' se manifesta em títulos mais generosos, coberturas menos ácidas, na cobrança menos estri-

Mesmo que se admitisse, ape-

nas para efeito de raciocínio, que Junia tenha razão quanto às críti-cas ao noticiário daquela semana, há que se condenar com veemência a inconcebível generalização.

Em respeito aos leitores que Junia deve representar, petistas e tu-canos, políticos e apolíticos, é preciso recompor a verdade. A ombudsman deveria fazer um

mergulho na coleção de edições recentes da Folha. Se a imersão for desapaixonada, ela há de reco-nhecer que errou.

Se tiver fölego para alcançar a edição de 14 de maio de 94, Junia encontrará, por exemplo, reporta-gem sob o título "FHC começa ampanha sem programa

Se folhear o jornal do dia se-guinte, decerto deparará com ou-tra reportagem: "FHC é vaiado e muda discurso".

muda discurso".

Os textos que deram origem aos
dois títulos nada "fernandohenriquistas" relatam os dissabores de
FHC na convenção partidária que
o referendou como candidato.
Há ainda, na mesma edição, re-

portagem que a ombudsman pode-ria classificar como uma cobran-ça: "Inflação aumentou 16 pontos com FHC".

Se recuarmos um pouco mais Se recuarmos um pouco mais, encontraremos na edição do día 9 de maio reportagem sobre os "gastos irregulares" dos candidatos, inclusive de FHC. guiar esse tipo de despesa, feita sem a emissão de bônus eleitorais.

Sem a emissão e comos ciencias.

No campo financeiro, a Folha voltou a dispensar a FHC tratamento que a ombudsman por certo classificaria como "ácido". Foi na edição de 7 de maio. "Empresas cedem ônibus a FHC sem bówe" di sia utilulo de proportueme". nus", dizia o título de reportagem sobre a passagem do candidato tucano por Aracaju (SE).

Um dia antes, o jornal publicou reportagem que poderia levar um leitor desatento a imaginar que um surto de "lulismo" se abateu sobre a edicão.

Dizia o título da notícia: "FHC usa estrutura do Senado na camusa estrutura do Senado na cam-panha". O subtitulo complemen-tava a informação: "Candidato utiliza telefones, fax e funciona-rios do gabinete do Senado; TSE considera o fato crime eleitoral".

considera o tato crime eteiterati.

Retorne-se à edição do dia 27.

Apegada ao seu apartidarismo, a

Folha ampliou o leque: "Lula,

Amin e FHC se unem contra a

lei;". dizia o título de nova repor-

O texto informava que FHC e Lula desculparam-se mutuamente de som de um sindicato e da estrutura do gabinete no Senado.

Informou-se, de quebra, que Es-peridião Amin, candidato do PPR, a exemplo a FHC, também se va-

lia dos recursos públicos de seu gabinete no Senado. Mas não nos desviemos de nos-

so objetivo central. Voltemos ao tratamento "fernandohenriquis-ta" de que somos acusados.

Para poupar o tempo do leitor e o espaço destinado a esta resposta, deixaremos de mencionar os detalhes do noticiário sobre a aliança de FHC com o PFL de Antipio Carlos Manulhãos tônio Carlos Magalhães.

tonio Carios Magainaes.
Se a ombudsman tiver interesse,
basta que folheie edições recentes
da Folha. Há de deparar com reportagens acerca dos titubeios que
marcaram a união entre o PSDB e
o PFL, partido que trazia aos tucanos uma série de marcas indesetivoie.

sejaves.

Há fatos mais relevantes a se-rem recordados. Por exemplo: as notícias, publicadas em 31 de maio e 1º de junho, sobre a mani-pulação política o Orçamento da União.

A verba destinada à ferrovia Norte-Sul subiu de US\$ 132 mil para US\$ 8,2 milhões no Orça-

Não por acaso, a mudança foi providenciada depois que FHC providenciada depois que FHC começou a buscar o apoio do ex-presidente José Sarney, fervo-roso defensor da Norte-Sul.

O município de Contagem, re-duto tucano onde o PSDB fez a sua convenção, recebeu toda a ção, o jornal reatirmou o que ha-via publicado. Na prática, chamou FHC de mentiroso.

Assim como a ombudsman en-xergou "fernandohenriquismo" no jornal, alguém que não esteja familiarizado com a Folha poderá imaginar, diante dos exemplos ar-rolados acima, que se abateu so-bre a Redação um "lulismo" irre-freável.

Na última quarta-feira, enqu to inaugurava o seu comité de campanha em Brasília, FHC deu mostras de que não concorda com a ombudsman da Folha.

"Vou cumprimentá-lo para que a Folha o demita", disse FHC, em tom irônico, ao apertar a mão do repórter Tales Faria, da Sucursal de Brasília.

FHC e toda a sua equipe estão convencidos de que a Folha dis-pensa à candidatura do PSDB um tratamento pouco amistore. ratamento pouco amistoso, ou 'ácido'', para voltar à palavra da ombudsman.

O mesmo se passa com Lula e seus auxiliares, cuja irritação com a Folha é igualmente indisfarça-

ao jornal demonstra que a Folha não "fernandohenricou" nem não ''fernandohenricou'' nem ''lulou''. O noticis' o está voltado para os interesses de uma só pes-

OMBUDSMAN

Milhares de dólares e nenhum gol

JUNIA NOGUEIRA DE SÁ

Futebol, diz uma velha máxi-Futebol, diz uma velha máxima dos estádios, é bola na rede.
Isso é o que interessa. Na semana passada, os dois primeiros jogos da seleção nos EUA—dois amistosos, é verdade—tiveram um total de nove gols do Brasil e três dos adversários. Nenhum deles pode ser visto pelos leitores nos jornais. Pior do que isso, na quinta-feira "O Estado de S.Paulo" e o "Jornal do Brasil", para ficar em dois do Brasil", para ficar em dois exemplos da chamada grande imprensa, circularam sem o re-sultado da partida Brasil x Honsultado da partida Brasil x Hon-duras. O jogo terminou em 8 x 2 para os brasileiros, um placar por si só digno de aparecer no jornal, qualquer jornal. Mas o horário do jogo, que começou às 22h da quarta-feira (hora de Brasília), acabou por exigir dos jornais uma operação de guerra que nem todos conseguiram vencer.

vencer.

O leitor não consegue enten-der, tenho certeza, a lógica perversa de uma imprensa que in-veste milhares de dólares na coveste milhares de dolares na co-bertura do evento esportivo do ano (pelo menos para os brasi-leiros), alardeia isso e, na hora H. coloca nas ruas jornais sem a noticia mais importante dele no dia anterior. Ainda que ver-culos como a Folha estejam in-do pera a. Cona com evendanes culos como a Folha estejam indo para a Copa com exemplara
da mais moderna tecnología na
persarem- da foraya a - aspantir
um repórter fotográfico de cada
veículo no gramado, durante a
partida. Assim, é difícil garantir
que ele saia dali com a foto de
um gol. Explica a editora de
Fotografia da Folha, Ana Estela de Sousa Pinto: para captar
os lances da partida, os repórteres fotográficos usam geralmente lentes chamadas 400 millmetros em suas câmeras. Na hora te lentes chamadas 400 milime-tros em suas ciâmeras. Na hora em que acontece um gol, eles deveriam estar numa das extre-nidades —a certa, de preferên-cia— do gramado, geralmente com câmeras munidas de lentes 80 milimetros. A diferença está em que as primeiras permitem imagens mais aproximadas dos lances, enquanto as outras for-necem uma "panorâmica" ideal para o momento do gol. Com um só fotógrafo em agén-mesmo que ele use duas máquimesmo que ele use duas máqui-nas diferentes e entenda de fute-bol a ponto de reconhecer uma jogada que pode terminar no fundo da rede, fazer a foto do gol vai ser., por tudo isso, um lance de sorte. Nos jogos da primeira fase, que ocorrem nos dias 20 (contra mesmo que ele use duas m



a Rússia), 24 (contra Cama-rões) e 28 de junho (contra a Suécia), o fuso horário está a favor da imprensa brasileira: as partidas vão acontecer às 17h (hora de Brasflia). Mas se o Brasil passar para a segunda fa-se em primeiro lugar em seu grupo, por exemplo, o primeiro jogo está marcado para as 16h de um sábado, 4 de julho. Co-mo a Folha fecha sua edição de de um sábado, 4 de julho. Co-mo a Folha fecha sua edição de domingo por volta de 14h30 do sábado, eis af mais um proble-ma para o jornal. Se tentar ga-rantir o horário da edição de do-niumos, "mao-musis" aps. se viv-em mãos as modernas câmeras digitais que a Folha está es-tregando, canages, de reduzir o pregado canages, de reduzir o atigitais que a Folha está es-treando, capazes de reduzir o tempo entre o momento da foto e sua chegada na sede do jornal para alguns minutos (o processo tradicional requer mais de uma hora para a mesma operação). Foi graças a uma dessas câme-ras que, na edição de quinta-fei-ra, a Folha pôde ter uma foto de Romário. Dunga e Raí abra-çados em um estádio de San Diego, na Califómia, comemo-rando o primeiro dos oito gols brasileiros sobre Honduras. A foto chegou à sede do jornal às 23h15, quase meia hora antes de uma outra da agência Reu-ters. Foi, sem divida, um avan-ço para o jornal. Pena que, ape-sar dele e de uma partida que teve oito gols do Brasil, o leitor tenha ficado sem a imagem da bola na rede. treando, capazes de reduzir

E já que o assunto é Copa do Mundo, aproveito para registrar o protesto dos leitores (pelo menos oito comentaram o as-sunto) que reclamaram da trans-missão dos jogos pela TV. Para

esconder o nome da Brahma nas placas de publicidade dos estádios, as emissoras acabaram por "cortar" o cumpo nas late-rais e prejudicar quem queria ver as partidas. Se as emissoras têm contratos de patrocrínio fei-tos com procorentes da Brah. tos com concorrentes da Brahma, e se esses concorrentes querem ver a cervejaria fora do vídeo durante a Copa, o proble-ma é das emissoras, da Brahma e dos concorrentes. Não se poe dos concorrentes. Não se po-de, por conta disso, punir o te-lespectador —que perdeu lan-ces dos dois jogos do Brasil e no vídeo mais do que os patro-cinadores propriamente ditos. OK, a questão é pertinente —mas nada justifica que, en-quanto ela é discutida, a Rede quanto eta e arcentata, a rece Globo e a Bandeirantes despre-zem o telespectador por conta de seus (das emissoras) interes-ses comerciais e "retalhem" as imagens que ele assiste. Isso, sim, é indesculpável. E anti-éti-

Aos leitores que reclamaram, dei um conselho: já que as emissoras não têm ombudsmen, que eles ligassem para os res-pectivos departamentos de espectivos departamentos de es-porte para protestar, Idem quan-to à Brahma, a Antarctica, a Kaiser e seus departamentos de marketing. No limite, sugeri que desligassem a televisão. Não deixa de ser uma forma de protesto contra o abuso de quem acha que o telespectado não vale nada, e só se esquece de uma coisa: no fim das con-tas, quem é aue compra a cerquem é que compra a cer-a anunciada durante os jo-

NOTAS

Na sexta-leira, a Direção de Redação da Folha me informou a respeito de uma réplica à coluna da semana passada, "Dois pesos e duas medidas", que seria publicada hoje ne comal (está ao lado desta coluna), somo é prava na Folha, a Redação solicitou seu direito de responde o ombudsman, e não tive com có mento prévio do texto (assim mo a Redação não conhece, previamente, o que escreve a ombudsman do jornal).

A coluna da semana passada apontava a alguns episódios de

A coluna da semana passada apontas a alguns episódios de "fernandohenriquismo" da Fo-lha (se bem que o fenômeno, co-no escrevi, seja de toda a im-prensa). Até a noite de sexta, 18 leitores telefonaram ou escreve-ram para comentar o assunto: 16 concordaram com a ombudsman três cartas safram no Painel do (três cartas safram no Painel do Leitor) e dois discordaram (uma carta publicada). Um deles, exacarta publicada). Om deles, exa-tamente o autor dessa carta (Igor Cornelsen, de São Paulo), me acusou de "lulismo" em um tex-to em que, mais do que apontar defeitos de conduta, tentava des-qualificar meu trabalho. A Redação, ao contrário da praxe do jon-nal, não me consultou para saber-se eu queria responder a ele no próprio Painel do Leitor. (Seria o coso: o sr. Cornelsen leu mal a coluna e não percebeu que o que defendi nela foi que a Folha es-tendesse seu famoso distancia-mento crítico à cobertura da campanha de FHC. Isso não é "Julismo", mas bom jornalis-mo). cão, ao contrário da praxe do jor-

★
Se achar que a réplica da Redação precisa de uma resposta

(tendo em vista uma discussão que interessa e acrescenta ao lei-tor do jornal), a ombudsman po-de fazê-lo na coluna do próximo domingo. De qualquer maneira, acho saudáivel que a polêmica te-nha surgido: por mais que eu procurasse na Folha da semana procurasse na Folha da semana que passou, não encontrei "fer-nandohenriquismo" em suas pá-ginas. Sinal de que alguma coisa já pode ter mudado.

na pode ter mudado.

**Na sexta-feira, o "Jornal da Bandeirantes" noticiou o fim do inquérito que apurava denúncias de abuso sexual contra duas crianças da Escola Base, no bairde abuso sexual contra duas crianças de Escola Base, no bairro da Aclimação, em São Paulo. Sem provas, os seis acusados foram inocentados. Duas semanas atrás, a "Folha da Tarde" entrevistou os seis e fez um balanço de suas vidas depois que as denúncias foram irresponsavelmente divulgadas pela policia e reproduzidas na imprensa. Dois se mudaram de São Paulo, um está sofrendo de depressão, todos perderam seus investimentos na escola ou outros negécios e passam por dificuldades financeiras. Chico Pinheiro, aneora do "Jornal da Bandeirantes", fez um "mea culpa" em nome da imprensa nesse caso. Disse que somos todos responsáveis, deveriumos pedir desculpas aos envolvidos e fazer "uma profunda reflexão sobre o papel da imprensa na sociedade e nossos princípios éticos". Concordo com ele: é uma boa oportunidade. Antes que aconteça de novo.

de. Antes que aconteça de novo.

Na quinta-feira, 2 de junho, o x- governador do Ceará, Tasso

Jereissatti, anunciou em luna semanal na pág. 1-2 da Foluna semanal na pág. 1-2 da Fo-ha que estava deixando de cola-borar com o jonal por disputar um cargo ela 70 (ele é candidato ao govern do Ceará). No do-mingo, d. 5. Maria da Concei-ção Tra dres, candidata a deputa-dar for ral, a nunciou também em su estuna semanal na pág. 2-5 q. vai escrever apenas uma vez ao mês até as eleicões. ao mês até as eleições.

Alguns leitores perguntaram sobre as razões da diferença de sobre as razões da diferença de critérios, e a secretária de Redação Eleonora de Lucena esclarece: Tasso é candidato a um cargo
majoritário e, por tradição, a Folha afasta de seus quadros, durante a campanha, quem está na
disputa por eles. Os candidatos a
cargos no legislativo, por disputarem uma eleição mais pulveriada, podem permanecer no inrada. zada, podem permanecer no jor-nal —desde que queiram. No primeiro caso, a intenção do jor-nal é não desequilibrar a disputa oferecendo um palanque privile-giado ao candidato. No segundo, o jornal entende que não teria in-fluência sobre o resultado final.

JUNIA NOGUEIRA DE SÁ à a om-budenan da Folha. A ombudeman tem mandato de um ano, renovivel por mu um ano. En hão pode ser demetida durante o exercico de cargo e tem estabilidade por um mon aphó o exercico de função. Por um mon aphó o exercico de função, por um mon aphó o exercico de função, com a comparto de comercia, com a comercia de parapectiva do leitor — recebendo e che-cando as rectimogês que ele encamenta la Redução— e comerciar, sos domitigos, o nociciário dos meios de comunicação. Car-tas devem ser envisdas para a al. Barão de Imeria, 43.5 § andes, São Puda (SP), CEP 01/202-001, a.c., Junia Nogueira de Súlom-bodaman. Para constato stelefolicos, Bigue (011) 224-3876 entre I fin el IBh, de seguin-da a sexta-fera.

Veja onde encontrar todos os cupons de desconto publicados nesta edição.

Como utilizar os cupons de desconto do Folhão.

Ao folhear esta edição, em vários anúncios vocé vai encontrar cupons de desconto. É ficil identificar esses cupons: todos eles trazem, de forma padronizada, uma ou mais ofertas dentro de um campo cercado por uma linha pontilhada. (Para localizá-los mais rapidamente, consulte o indice abaixo). La vecé fica sabendo o produto que ofercee desconto e o valor ou porcentagem desse desconto. Recorte o cupom na linha pontilhada e vii até a loja que anunciou a oferta. Na hora do pagamento, apresente o cupom e você ganha o desconto indicado. Simples, não? E não esqueça: com apenas um desses descentos que você aproveite, o seu Folhão de domingo já pode suir de graça.

SETORES	CADERNO	PÁGINA
PERFUMARIA	SÃO PAULO	01
TURISMO	MUNDO	01
VEÍCULOS	VEÍCULOS	ш
INFORMÁTICA	SÃO PAULO	09
ALIMENTÍCIOS	BRASIL	20

Em caso de dávida, ou qualquer outra informação sobre os cupons de desconto, lique para 224-8200.



FAX-SEMLER